

Capítulo I

Ao completar 41 anos que deixei minha querida Monsenhor Tabosa, cidade onde nasci e onde viveram meus antepassados, veio-me a idéia, tanto por gratidão quanto por dever de justiça, de escrever algo que de alguma forma venha enaltecer e a dignificar aquela cidade onde dei meus primeiros passos.

Monsenhor Tabosa, sua origem, personalidades, tradições, sua história, enfim, tão sábia e brilhantemente descritos por Laís Almeida Martins, José Airton Bezerra de Oliveira, Maria Augusta Melo Bezerra e José Nelson Araújo Pinho, no Documentário intitulado: Padre Inácio, o Precursor do Movimento Solidário em Monsenhor Tabosa e pelo magistrado taboense Doutor José Helder de Mesquita em sua obra: Monsenhor Tabosa e Suas Histórias e por outros que os antecederam, é também objeto de um modesto trabalho de autoria deste também taboense, cujo título é: Pelos Caminhos da Vida - Revelações de uma História.

Embora já tenha sido tratado, de forma parcial, no trabalho acima citado e seja de pouco interesse para o caro leitor, a título de registro e quem sabe, até para pesquisa de gerações futuras, faço a seguir, algumas considerações relacionadas com meus ancestrais.

Meu pai: João Rodrigues de Castro (João Rosa)

Minha mãe: Benedita Rodrigues de Almeida

Avô paterno: Joaquim Alves de Castro, de quem não conheci nenhum parente, sabendo apenas que era oriundo da cidade de Quixadá e faleceu em 1917 na localidade Cilista nas proximidades de Sucesso.

Avó paterna: Ana Rosa do Espírito Santo: que juntamente com sua irmã Maria da Conceição foi criada em uma instituição religiosa na cidade de Sobral após haver perdido pai e mãe no decorrer de uma semana, durante o flagelo da seca de 1877. O único irmão homem, José foi criado por uma família na mesma cidade de Sobral, vindo a falecer ainda solteiro na cidade de Monsenhor Tabosa. Era apelidado de Zé Birro.

Maria da Conceição casou-se com o Sr. Severiano Veríssimo da Costa, com quem teve os seguintes filhos: João, Francisco, Joaquim, Anastácio, Luis, Josefa, Raimunda, Antônia, Luísa e Maria (Neginha).

Joaquim e Ana Rosa tiveram os seguintes filhos: Antônio, que casou-se com Donaninha, e por ter sempre morado fora de Monsenhor Tabosa não ocorre ao autor o nome e nem quantidade de filhos que tiveram. Viveu seus últimos anos na cidade de Crateús.

Maria (Maripreta) casou com Antônio Pedreiro, tiveram cinco filhos: Antônio, Joaquim, Fausto, Expedito e José. Já viúva, foi embora para o Pará, onde faleceu em 1959.

José (Cazuza): Casou-se com Marcelina e tiveram os seguintes filhos: João, Maria, Minervina (Neve), Socorro, Joaquim, Antonina e Tarcísio; Faleceu em Monsenhor Tabosa, em 1986.

Raimundo (Budim) casou-se com Sebastiana, ligado por laços domésticos à família do Coronel Francisco Epifâneo.

Tiveram os seguintes filhos: Maria José, Maria, Maria de Lourdes, Luíza, José Antônio, João, Raimunda, Rosa e Antônia (Nega).

Luis: Casou-se com Maria Madalena, filha do Sr. Firmino e de Dona Cuta. Tiveram os seguintes filhos: Ivanilza (Isinha), Maria das Dores, Elenir, Raimunda, Celina, Aderban, Erivan, Maria do Socorro, Maria Lúcia e Ana Rosa. Faleceu em 25 de outubro de 1958, vítima de desastre de caminhão na descida da Serra da Ibiapaba para o Estado do Piauí.

João: Casou-se com Benedita, com quem teve os seguintes filhos: Helena, Maria, esta, falecida em outubro de 1957, por ingestão de substância venenosa, na localidade de Cajazeiras, desiludida por um noivado frustrado; José, Sebastião (Bastim), Raimundo (Neném), João, Jonas, falecido em 06 de dezembro de 1978 em Brasília, vítima de cardiopatia aguda; Josué, falecido ainda impúbere, em 8 de setembro de 1954, na localidade de Baixa Grande; Luis, Ermina, Maria do Socorro e Erivaldo.

Sebastião: Casou-se com Gonçalinha, do Distrito de Inhuçu, na Serra Grande, com quem teve os seguintes filhos: Ribamar, Miriam, Maria das Graças, Antônio (Totó) e Luis (Lulu). Faleceu em junho de 1986, no Distrito de Inhuçu, onde residia.

Anastácio: saiu de Monsenhor Tabosa ainda muito novo e dele não se teve mais notícias.

Francisca: Com problemas de retardamento mental nunca se casou, não teve filhos e faleceu em Monsenhor Tabosa em 1965.

Cândida: casou-se com Manoel Ambrósio, com quem teve os seguintes filhos: Francisco, Maria, Afonso, Antônio, José, Antônia, Santana, Sebastião (Neginho), Luis, João, José Maria e Manoel.

Manoel Ambrósio era homem simples, rude, extremamente trabalhador, profundamente radical, honesto e avesso à modernidade. Corajoso costumava andar pelos matos e dizia ter vontade de encontrar uma onça faminta que lhe enfrentasse, mas que nessa luta Deus não fosse a favor de nem de um nem de outro. Morador no Sítio de Souza, só ia à cidade aos domingos, para a missa das sete horas, tratar de alguns negócios, “matar o bicho” e retornar para casa. Quando os outros moradores estavam indo, ele já estava voltando da cidade. Não ia a médico e muito menos a dentista. Certa ocasião foi acometido de forte dor de dente que não lhe deixava dormir e, já nervoso gemia, espraguejava, blasfemava, enquanto a esposa recomendava que ele se valesse de Deus – Ele não diz que sabe de tudo, na certa sabe que estou sofrendo, respondeu. Manoel Ambrósio era assim: Trabalhou e morou durante trinta anos, na terra de um compadre seu da cidade, a quem vendia todo produto da sua colheita (milho, feijão, algodão e mamona), porém não recebia o dinheiro que ficava na mão do patrão. De ano em ano, pedia um adiantamento, o suficiente para comprar uma roupa de cáqui para ir à Festa de São Francisco das Chagas em Canindé. Quando resolveu prestar contas com o patrão, na esperança de receber uma boa quantia, ouviu do mesmo a seguinte resposta: “É compadre, eu lhe devo, mas você também me deve, vamos ficar assim: “Ninguém deve a ninguém”. E assim ficou

acertado, pois quem era Manoel Ambrósio para discordar do compadre/patrão. Faleceu em 2002, com cem anos de idade.

Regina: Casou-se com Francisco Camelo Barbosa (Chico Bêndo), com quem teve os seguintes filhos: Afonso, Raimundo, Sebastião (Leusinho ou Camelinho), Luis, José, Joaquim, Antônio, Almerinda e Pedro. Faleceu no Pará.

Solidade: casou-se com Francisco Nunes, viúvo, natural de Juazeiro do Norte, vendedor de jóias e apelidado de “Chico Medonho”. Não teve filhos e faleceu já viúva, em 1996, em Monsenhor Tabosa. Seus últimos anos de vida foram em companhia de sua sobrinha Elenir e do esposo desta, Raimundo.

Raimunda: Casou-se com Augusto, de Fortaleza, com quem teve dois filhos: Jorge e José Alberto. Faleceu ainda jovem de tuberculose, doença incurável naquela época.

Joaquim: Casou-se com Hilda Gomes, do Distrito de Inhuçu. Não tiveram filhos biológicos, no entanto criaram três: Antonieta, João e Lucieuda. Faleceu em Sobral, em junho de 2000, com 83 anos de idade.

Avô materno: José Rodrigues Ferreira falecido em 20 de setembro de 1952.

Avó materna: Ermínia Rodrigues de Almeida, falecida, em 1934, de derrame cerebral. Tiveram os seguintes filhos: Maria que se casou com Pedro Chicó, de quem teve os seguintes filhos: Expedita, Antônio, Francisco, Maria do Carmo, Maria de Lourdes e Ermínia.

Luis: Casou-se com Marisinha, filha do senhor Ermínio, da Barriguda e com quem teve dois filhos: Gerardo e João.

Martinho: Casou-se com Francisca (Pupinha), filha do Major Pereira, com quem teve os seguintes filhos: José (Zé Martins), João (Dande), hoje oficial reformado da Polícia Militar do Estado do Ceará, Raimundo (Dirindo), Antônio (Tontonho), sargento reformado da Polícia Militar do Estado do Ceará, Maria, Maria José, Maria de Lourdes, Antônia (Toza), Luis e Francisco (Chico Bacu). Estes, respectivamente, Comerciante e Servidor Público na cidade de Monsenhor Tabosa, onde residem e de onde nunca saíram. Martinho era um homem de bem, cidadão pacato, trabalhador, dinâmico e com elevado potencial de humor. Enquanto vivi em Monsenhor Tabosa, tive um constante relacionamento com Martinho, por força dos laços familiares. Somente em uma ocasião eu o vi nervoso, o que, a bem da verdade, naquelas circunstâncias, qualquer cidadão ficaria. (Pelos Caminhos da Vida páginas 136 e 137). Martinho contava que em ano de pouca colheita, em virtude do inverno escasso, conseguiu salvar um lastro de mandioca e quando a mesma já estava na época de arrancar, descobriu que tinha um “sócio”, pois começou a ver seus pés de mandioca arrancados. Resolveu então fazer uma “campana” e assim dar um flagrante no ladrão. Ficou na espreita e já pela madrugada, chegou o indivíduo com um jumento, um jogo de grajáus, começou a arrancar a mandioca e a encher os recipientes. Martinho ficou esperando para ver até aonde ia aquela operação. O homem esqueceu que estava sozinho e quando tentou colocar a carga no jumento, não conseguiu. Martinho que a tudo assistia, achou que seria uma covardia não ajudar “aquele pobre homem” a colocar a carga no animal. E assim pensando, aproximou-se do invasor e ofereceu ajuda, para surpresa do larápio que reconheceu o

verdadeiro dono da plantação e pensou que fosse sofrer algum tipo de represália. Martinho pediu ao homem que não voltasse mais ali, pois nem sempre ele estaria no local para ajudá-lo e além do mais ele precisava da mandioca que afinal era sua. Faleceu em Fortaleza no ano de 1981.

Quitéria: Casou-se com Gonzaga André, com quem teve treze filhos: Maria, Raimundo, Lourdes, Tereza, Antônio, José, Socorro, Luis, Francisca, Sebastiana (Seinha), Fátima, Gerardo e Francisco. Faleceu em Catunda onde morava já viúva em 1992, com oitenta e dois anos.

Gonçalo: Casou-se com Hilda, filha do senhor Antônio Torres, do Diamante, com quem teve os seguintes filhos: Alda, Analita, Tereza, Ermina, Francisco (Nando), Socorro, Zélia, Estelina, Raimunda, Fátima e Gerian. Faleceu em 04 de julho de 2004, aos 92 anos de idade. Benedita: Casou-se com João Rosa, conforme já descrito.

Francisco: casou-se com a acreana Raimunda, tendo os seguintes filhos: Sebastião, Luís, Otávio, Manuelito, Rui, José Carlos, Júlio, José, Vítor, Diomar, Célia, Dulce, Conceição e Vera.

José Rodrigues Ferreira, apelidado de “José Surrão”, cujo apelido herdara de seu pai Vicente Ferreira (Vicente Surrão) que por sua vez ficara assim conhecido em virtude de ter o hábito de conduzir um pequeno utensílio feito de palha de carnaúba, semelhante a um surrão.

Ficou viúvo em julho de 1934. A necessidade lhe impôs a pretensão de um novo casamento e após algumas investidas frustradas ou desaconselhadas, sugeriram que ele deveria casar-se com Angélica, moça solteira, honesta, negra e pobre como ele. Aceita a idéia, buscou-se a intermediação de Ana Rosa, minha avô paterna, que obteve a resposta positiva de Angélica. Segundo minha vó Ana Rosa, Angélica, ao ser interpelada a respeito do casamento questionara com muita humildade: “E será que ele me quer?” Feito isto, levou-se o caso à apreciação do coronel Francisco Epifâneo que após as indagações e aconselhamentos de praxe, aprovou a união que foi oficialmente realizada em setembro de 1934.

Angélica já criava um menino Raimundo, filho de Pretinha, mãe solteira, ainda em tenra idade, que acompanhou o casal a quem chamava padrinhos.

Já na pré-adolescência, sua mãe adotiva pedia ao meu pai para andar com o menino, para segundo ela o mesmo “Tomar jeito de Homem”, e assim o meu pai fazia.

Raimundo realmente ficou homem, trabalhou muito, ajudou muito ao meu pai em tarefas diversas e em momentos difíceis como por ocasião do falecimento do meu irmão Josué em 08 de setembro de 1954.

Casou-se duas vezes, teve filhos adoeceu e depois de um longo período de enfermidade faleceu em 30 de janeiro de 2004. Era conhecido por Raimundo da Angélica.

Aproveito a oportunidade para registrar minha gratidão e minha saudade ao nosso querido Raimundo.

Naquele tempo, talvez ainda não existisse a figura do exame pré-nupcial e sem tais precauções, o primeiro filho do casal, Henrique, teve sérios e dolorosos problemas genéticos que o levaram a óbito em 18/12/03, após tantos anos de sofrimentos. Apesar de uma quase total

incapacidade do aparelho locomotor, Henrique nunca mendigou, estudou o suficiente para, como professor leigo ministrar aulas do 1º Grau (Ensino Fundamental), o que fez por muitos anos. Era carinhosamente chamado de Mestre Henrique. Antes de ser professor, foi sapateiro, padeiro, cobrador de impostos na feira, entre outras atividades. Chegou a montar uma panificadora em sociedade com o veterano Hugo Padeiro. Henrique casou-se com Terezinha, filha do senhor Manoel Chicó tiveram vários filhos, mas somente dois sobreviveram Josafá e Jeová.

José Ferreira e Angélica tiveram ainda outro filho, o Antônio, que por ser negro como os pais, o que hoje convencionou-se chamar de “afro descendente”, ainda pequeno ganhou o apelido de “torrado”. Em 1959 Antônio veio para Brasília onde, após muito esforço e persistência ingressou no serviço público, passando pertencer ao quadro do então Departamento dos Correios e Telégrafos, órgão vinculado ao Ministério da Viação e Obras Públicas. Casou-se com Maria do Socorro filha do senhor Joaquim Bernardino, nosso querido Joaquim “socó”, viveram bem tiveram quatro filhos Rute, Roberto, Rose e Rodrigo, mas razões desconhecidas levaram o casal a se separar após muitos anos de convivência.

Antônio, que chegou a ser uma referência para muitos taboenses que o conheceram nos anos 60, entrou em decadência, aposentou-se por problemas de saúde e sua vida verdadeiramente mudou para pior. Expressava nítida insatisfação com o apelido, pois o encarava como uma alusão pejorativa à sua cor. Apesar disto, costumava brincar com a própria condição, observando que todas as pessoas importantes têm nomes bonitos, por mais extravagantes que possam parecer e acrescentava: “já pensou, se meu nome fosse Timbau”? Naturalmente quando eu passasse na rua, as pessoas falavam: “olha o nêgo timbau passando!” Antônio referia-se a um Ministro de Estado na época do Governo Militar, cujo nome era timbau.